

Stadium

IRLANDA - PORTUGAL

JOÃO AZEVEDO — foi uma das grandes figuras do 2.º Irlanda-Portugal! O guarda-rede nacional exibiu-se em Dublin com extraordinária segurança, aquela segurança que todos os portugueses lhe conhecem. João Azevedo merece todas as homenagens



N.º 231

7 DE MAIO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

Primeira vitória no campo do adversário!

PORTUGAL derrotou a IRLANDA em Dublin

Dois «goals» sem resposta, marcados por Jesus Correia e Araújo

A nossa equipa actuou com eficácia e superioridade técnica — O ataque na primeira parte e a defesa na segunda garantiram-nos uma vitória indiscutível

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA



ALVARO CARDOSO
Capitão da equipa portuguesa e um dos melhores no terreno

FIZEMOS tudo quanto estava em nossas mãos. Fechando os ouvidos, pondo o coração e alguma coisa do que aprendemos ao serviço do futebol português, partimos para Dublin e deixámos outros rapazes em Bordéus. E sabendo que durante 24 horas seríamos julgado em dois campos. Que os critérios permitem as atitudes mais desagradáveis e disparatadas. Todos têm liberdade para «dizer» quanto apeteça e só a nós, no fim de contas, não pode atingir o erro, nem o lapso, nem a derrota, mesmo que esta surja naturalmente e por força do valor alheio.

Ninguém pensa nesta coisa «simples». Os adversários também jogam, e no seu campo os 11 valem por 22. Mais uma vez se levou a cruz ao calvário. Em Bordéus e Dublin conseguiram-se bons resultados para o futebol português e nem outra coisa se pretendia. Na França, uma equipa de aspirantes, onde se julgou conveniente colocar um ou outro mais experimentado, perdeu por 4-2 após um jogo ingrato e mal dirigido pelo árbitro, segundo se sabe.

Em Dublin — triunfámos! Pela primeira vez na história do nosso futebol, vencemos o adversário no seu próprio campo. E esse

adversário, a Irlanda, ganhou aqui a vários países, entre eles a Espanha, perdendo unicamente com a Inglaterra por 1-0. Muito se escreveu e se disse depois do último França-Portugal de Colombes, embora se perdesse apenas por 1-0. Parece ser altura de se afirmar alguma coisa mais depois desta gloriosa jornada de Dublin...

A emoção criada pela vitória

A nossa primeira vitória no campo adversário emocionou até às lágrimas. Como quando batemos a Espanha — eliminando o disco: «jogo que nunca vencemos»... Nas cabinas, encontramos-nos abraçados uns aos outros. Apreceram alguns portugueses, uma dúzia os nossos poucos colegas de jornalismo que se deslocaram para aqui, e ninguém pôde esquivar-se ao poder das lágrimas.

— Que diabo! Pois se ganhámos tão bem!

O nosso *team* havia espantado os irlandeses. O nosso ataque da 1.^a parte, decidido, organizado, cedeu depois lugar, na 2.^a, a uma defesa leonina, rija, tão forte que os representantes do Eire chegaram a desanimar. O plano maduramente pensado conduziu-nos a magnífico triunfo.

Por isso não deve surpreender a emoção que no balneário atingiu

jogadores, seleccionador, membros da comitiva e os poucos portugueses que estiveram no Estádio de Dublin. A boa equipa da Irlanda, onde 9 jogadores estavam experimentados pelas duras provas da Liga Inglesa, que possui, mesmo, um médio que alinhará no *team* da Europa Continental (Carey), nada pôde contra a velocidade dos portugueses e contra dois «goals» maravilhosos, dois «goals» espectaculares e... sem resposta!

Agradou-nos toda a equipa

Claro que há sempre melhores e piores. Uns, até, dão a impressão de maus, quando foram bons, fiéis executores de um plano. Mas no jogo de Dublin toda a equipa nacional correspondeu, jogando com sangue, nervos, inspiração. Mostrou-se preparada física e moralmente. Assim se conquistam belas vitórias. E' preciso trabalhar junto dos jogadores. E' preciso viver no «seu» ambiente, desprezando o exterior. E' preciso, sobre o mais, ser persistente!

Se tivéssemos de dar uma opinião acerca dos valores individuais: — Azevedo, Cardoso, Moreira, Jesus Correia e Travassos seriam eleitos, como figuras que muito contribuíram para o bri-



TRAVASSOS
interior-esquerdo e um dos melhores portugueses

lantismo da nossa exibição. Que para o bom resultado — trabalharam todos. Todos!

Uma primeira parte de ataque cerrado

Estamos a escrever em Dublin e o jogo acabou há pouco. Ficam por isso para o próximo número da *Stadium* comentários mais amplos ao resultado e ao valor desta admirável vitória internacional.

Mas é preciso dar com melhor oportunidade algumas imagens do desafio realizado no Dalymount Park, e aqui as registamos.

O ataque português respondeu com extraordinária energia à primeira descida da Irlanda, e desde logo viram os adversários da nossa equipa que a partida seria bem disputada. Embora o campo, aqui e além falto de relva, inutilizada pelo mau tempo e especialmente pela neve, prejudique a evolução do jogo ofensivo português, partem contra as redes de Breen os remates fortes de Araújo, Jesus Correia e Peyroteo. Azevedo conservou-se muito tempo em descanso.

Tavares da Silva

(Continua na página 7)



JESUS CORREIA
Marcador do 1.º ponto de uma grande vitória



ARAUJO
O autor do 2.º «goal», que veio a confirmar o triunfo português

JOGARAM no Estádio Municipal de Bordéus, pela primeira vez na história do futebol, as equipas B de Portugal e da França. Quando se combinou o jogo, a muitos pareceu que o nosso país talvez não pudesse meter-se «nestas cavalarias». A França está hoje bem provida de jogadores, e ainda há pouco o demonstrou, formando duas seleções de Paris para o mesmo dia. Os portugueses viram uma delas, no Estádio Nacional, contra um *team* a que só faltava Araújo para se considerar representante máximo do nosso futebol.

Logo, no último sábado, após certo período de dúvida sobre as nossas possibilidades, os representantes portugueses deram boa conta de si, pode afirmar-se. Embora a princípio a ideia de uma copiosa derrota pairasse nos espíritos, de tal modo correram mal as coisas à equipa B de Portugal, pôde o tempo regulamentar convencer os próprios adversários de que a sorte tinha sido madrastra para os seus hóspedes.

No conjunto nacional, 8 jogadores vestiram a camisola pátria pela primeira vez. Muitos, quase todos, atravessaram a fronteira também pela primeira vez. Ora, se considerarmos tudo isso, e ainda que actuar fora de casa é sempre difícil, parece justo considerar honrosa esta primeira saída do grupo B de Portugal.

Uma síntese do jogo

Os dois grupos estiveram em igualdade até à meia hora. Os franceses, com uma equipa admirável, composta por jogadores dos melhores clubes, alguns, mesmo, considerados superiores aos titulares da equipa principal, estiveram mais vezes perto das redes de Barrigana, que efectuou algumas defesas extraordinárias.

Mas a defesa nacional cedeu ao cabo de meia hora. Jacinto, normalmente tão seguro de pés, falhou uma entrada e Alspieg rematou o primeiro tento da sua equipa. Pouco depois, Júlio foi fortemente magoado. Saiu do terreno, e quando quis entrar fez o árbitro ouvir de mercadoro. A nossa equipa desanimou com a contrariedade, e estavam ainda com 10 homens no terreno quando Baillot obteve o 2.º ponto. Júlio voltou, mas para sair de novo, por falta de possibilidades físicas. Patalino tomou o seu lugar.

Os golpes de pouca sorte na defesa, principiados com o 1.º *goal* francês, não pararam. Antes do intervalo ainda os gaulêses conseguiram, por via disso, novo tento, por Alspieg, que dominou Barrosa e bateu Barrigana pela força e colocação do remate.

Na 1.ª parte — 3-0. Mas resultado algo duro.

No segundo tempo os portugueses marcaram 2 «goals», contra 1 da França

O intervalo interrompeu a série de jogadas felizes que a França aproveitou avaramente. Em 15 minutos de acerto atacante francês ou de má sorte para alguns homens do flanco defensivo nacional, — entraram 3 «goals» nas balizas guardadas por Barrigana. Tudo rápido e desconcertante. Só o intervalo poderia servir para

Entre as equipas B da França e Portugal

Os portugueses lutaram arduamente

embora enfrentassem um excelente adversário

A vitória da França, por 4-2, esteve seriamente ameaçada nos últimos momentos do desafio — Barrigana e Patalino fizeram boa exibição, marcando o último os dois pontos nacionais

(Serviço especial para STADIUM)



BARRIGANA, que leva boa lajeira em Bordéus



PATALINO, autor dos dois pontos de Portugal B

reparar os estragos. E serviu...

Logo nos primeiros minutos da 2.ª parte, os portugueses tiveram certa vantagem. Lourenço foi o primeiro a tornar-se perigoso com dois remates fortíssimos, um deles milagrosamente defendido por Liberati. A seguir, Albano, Patalino e Caiado experimentaram as autênticas qualidades do guarda-redes francês.

Mas os avançados franceses breve reagiram. O desafio tornou-se agradabilíssimo e renhido. Os portugueses estiveram à beira de 3-1, mas a sorte negou-se-lhes e vieram ainda a consentir o 4.º *goal*, aos 17 minutos, por Flamion.

E aqui está onde a pouca sorte nos atingiu duramente! Falhando em várias ocasiões o 1.º *goal*, que naquela altura poderia perturbar mais os adversários, vieram os portugueses a sofrer um *goal* implacável e injusto. Injusto porque o extremo-esquerdo francês estava deslocado, quando o marcou. Reclamaram os jogadores portugueses com energia, mas o inglês Gibbs, tal como havia acontecido com a saída de Júlio, — resolveu a favor do grupo francês.

O estado de espírito da equipa nacional, felizmente, foi forte. Seria difícil, no entanto, conservar a serenidade precisa, após uma série de razoáveis contrariedades.

Os portugueses concluíram o jogo ao ataque

Até à meia hora do segundo tempo envolveram-se as equipas em toada de jogo muito igual.

Mas deve dizer-se que Barrigana salvou possivelmente o *desastre*. Era imerecido, sem dúvida. Vandooren, isolando-se, aproximou-se perigosamente do guarda-redes português, mas este saltou-lhe aos pés com extraordinária precisão, evitando o remate.

Começou aqui a fase de ataque, de verdadeiro ataque português. Patalino, desfeiteando o médio centro francês, fez chegar à rede o 1.º ponto. Liberati ainda tentou a defesa, mas a bola ia bem colocada.

E surgiu, naturalmente, novo ponto. Também por Patalino. O ataque português empertigou-se, e o avançado centro elvens, utilíssimo, fez seguir sempre com perigo as bolas que lhe foram endossadas. A rematar como a conduzir, afirmou-se, especialmente na 2.ª parte, embora seja de louvar toda a equipa pelo belo espírito de luta que soube ter numa altura difícil: — quando os franceses obtiveram o 4.º *goal* numa jogada irregular.

A vitória e o valor da equipa B da França

A França, como já dissemos, possui um excelente lote de bons jogadores. A sua equipa B chegou a impressionar muito mais que a equipa há pouco nossa adversária no Estádio de Colombes. Os franceses que assistiram não esconderam o seu entusiasmo, e diga-se que plenamente justificado. A França foi representada por uma bela equipa. Liberati, Nuevo, Rodriguez, Prevost e Vandooren,

em nosso entender, possuem classe igual aos melhores, e no seu valor se confia abertamente em França.

A sua vitória está certa e é justa. No entanto, esteve perto da *barbaridade*. E, nos últimos períodos do desafio, os portugueses tornaram-na difícil. Chegou a pensar-se, no Estádio, numa reviravolta sensacional.

Estaria melhor 3-2. Vitória francesa, sim, mas pela expressão mais simples. Se contarmos com a irregularidade indiscutível do 4.º ponto gaulês, ganha ainda mais força este pensamento.

A equipa portuguesa procurou reagir sempre

Os nossos representantes tiveram um mau quarto de hora, na 1.ª parte. Dos 30 aos 45 minutos. Quando «acordaram», perdiam por 3-0. Nesse quarto de hora de desacerto, vários erros defensivos colocaram os franceses em posição invejável, e pertenceram nessa altura a Barrigana as melhores defesas do encontro. E' certo que o guarda-redes português deu várias vezes a ideia de ser lento a entrar em jogo. Porém, não é assim. O seu temperamento calmo leva a suportar lentidão, mas é rápido quando se torna necessário.

Em Bordéus, Barrigana e Patalino cumpriram bem. Depois Bravo, Albano, Canário e Barrosa. Jacinto teve coisas boas e más, acusando a estreia. Lourenço efectuou alguns remates fortes; Júlio, enquanto jogou, foi activo, procurando servir os companheiros. Caiado nem sempre esteve feliz. Como Pacheco e Manuel Marques.

A arbitragem está comentada através do resumo do jogo. O árbitro inglês Gibbs não deixou boa impressão à nossa equipa. O erro, que não pode perdoar-se e ia arrastando a equipa lusitana para uma grande derrota: — o 4.º ponto da equipa francesa.

Como alinharam as duas equipas

Local do jogo: — Estádio Municipal de Bordéus (França).

Árbitro — Mister Gibbs (Inglaterra).

Os grupos:
França B — Liberati; Nuevo e Rodriguez; Heiné, Prevost e Scotti; Vandooren, Baillot, Alspieg, Batteaux e Flamion.

Portugal B — Barrigana; Jacinto e Manuel Marques; Canário, Barrosa e Pacheco; Lourenço, Bravo, Júlio (depois Patalino), Caiado e Albano.

UMA MANHÃ NA CRUZ QUEBRADA



Fernando Belo e Francisco Quina

Duas tripulações da M.P. vão a INGLATERRA

DOMINGO de manhã, num local da praia da Cruz Quebrada, um grupo alegre de rapazes quebrava a monotonia da praia ainda deserta de banhistas. Rostos morenos já batidos pelo sol, recebendo com satisfação o ar rijo que vinha do lado da barra, os velejadores da Mocidade Portuguesa preparavam-se para mais umas horas de navegação no rio. Belo grupo animado e forte — os mais crescidos, os dos «sharpies» de 9 e 12 metros e os miúdos, os dos Lusitos, formando um conjunto magnífico, esse que permitiu que voltássemos a encarar com autoridade o desporto da vela.

Duas equipas se destacam neste movimento do Centro de Vela da Mocidade Portuguesa: Rebelo de Andrade — António Alexiades e Fernando Belo e Francisco Quina. Eis quatro velejadores de classe magnífica, conhecedores e competentes a quem caberá a honra de representar Portugal nas próximas regatas internacionais para disputa da taça «Connaught



Rebelo de Andrade e António Alexiades

Cup», em poder dos portugueses desde o ano passado, conquistada brilhantemente por Rebelo de Andrade — Wandrell Henriques.

A posse desse troféu será este ano defendido por estas duas tripulações, formadas após as regatas de selecção que se efectuaram e durante as quais estas duas equipas tiveram comportamento significativo do seu valor triunfando em todas as provas.

As duas tripulações são competentíssimas. Velejadores com sete anos de prática todos eles se reconhecem categoria para conseguirem manter em Portugal o famoso troféu. Allá é essa a opinião de Rebelo de Andrade dizendo-nos:

— As regatas deste ano na baía de Hunstaton devem talvez ser ainda mais difíceis pois que serão mais as tripulações concorrentes. No entanto espero de mim e dos meus companheiros o melhor rendimento das nossas qualidades e do nosso interesse e desejo para que a «Connaught Cup» continue sob a bandeira portuguesa.

F. S.



Manhã cedo os «lusitos», futuros grandes velejadores, começam a sua faina. Desejosos de guiarem os seus afrosos barquitos sobre as águas do Tejo procedem lesto a aparelhagem dos barcos que lhes estão distribuídos



O VOLEIBOL português vai afirmar-se

ESTAMOS no período intenso da preparação dos nossos atletas que em várias modalidades vão disputar encontros desportivos com atletas estrangeiros.

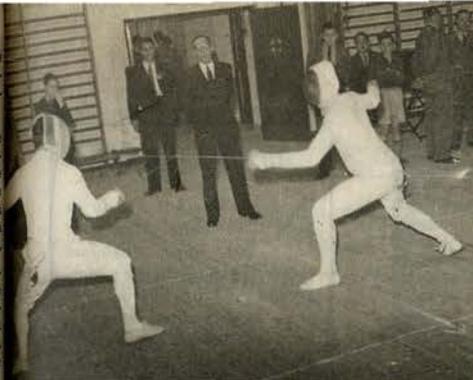
Também no voleibol se seleccionam jogadores com vista a próximos jogos internacionais. Mas, primariamente, a modalidade dos 25 mil praticantes vai disputar um jogo inter-cidades: Lisboa-Porto. E por isso a Associação de Lisboa procura — em treinos seguidos — o grupo que há-de opôr à que representará a Associação do Porto. O primeiro

treino em conjunto efectuado no campo do Ateneu e dirigido pelo seleccionador e treinador Mário Lemos reuniu os seguintes elementos: José Aruda, David Cohen, Eugénio Martins, António Fonseca e Nuno Barros, do Técnico; Aurélio Martins, do Benfica; Paulo Butzel e Mário Butzel, do Estoril Praia; Nuno Camara Pereira e José Campos, do Sporting; Sá Vieira, do Ateneu e Manuel Ferreira da Cuf do Barreiro.

O jogo com os portuenses que se efectuará no próximo dia 25 serve igualmente para se assentar ideias para a composição do grupo nacional, tanto mais que a Bélgica convidou os voleibolistas portugueses all se deslocarem em Junho próximo. Se este convite for aceite, no regresso o grupo nacional disputará três jogos com «teams» franceses.

Por esta noticia cujos factos esperamos que se confirmem, verifica-se a boa actividade que o voleibol português está tendo, rodeando-se do grande interesse e entusiasmo que allá já há muito este desporto regista no estrangeiro.





Jorge Oom e Henrique da SILVEIRA campeões nacionais de SABRE e ESPADA



Os esgrimistas da M. P. representando o Douro Litoral, Estremadura e Alto Alentejo, que disputaram o Campeonato Nacional de Esgrima (Espada)

Um momento do assalto entre Jorge Figueiredo e Alberto José Giesteira

A esgrima — um desporto em que os portugueses sempre tem mantido posição de brilhantismo — está em plena actividade. Os seus praticantes entregam-se com entusiasmo e afincio aos treinos — que os Campeonatos do Mundo estão a poucas semanas da sua realização. Ao mesmo tempo os dirigentes da modalidade prepararam essa grande organização. Pouco a pouco tudo se vai pondo a postos numa certeza de que o desporto nacional, por intermédio de uma das suas mais nobres modalidades desportivas, vai recolher, mais uma vez o justo prémio devido à grande categoria internacional de alguns dos nossos esgrimistas e às qualidades magníficas dos novos que surgem numa promessa digna de serem os bons continuadores dos triunfos incontestáveis da esgrima nacional através de todos os tempos.

Nas últimas semanas os novos esgrimistas têm trabalhado com afincio, não descurando a necessária preparação. E que assim é pôde ser observado nos campeonatos nacionais de sabre e de espada.

Os dois treinos constituíram uma afirmativa do actual movimento e a forma como os esgrimistas concorrentes se apresentaram deixou bem impressionados todos quantos estão seguindo mais de perto a actividade da esgrima.

Nos dois títulos de campeões nacionais figuram dois esgrimistas de grande valor. Belos representantes da modalidade e que conquistaram os seus triunfos com grande brilhantismo — acentue-se este pormenor.

O major Jorge Oom conquistou mais uma vez o título de campeão nacional de sabre. Seis boas vitórias atestaram na final o indiscutível merecimento do nosso magnífico sabrista, colocando-o detentor do título para o qual o nome de Jorge Oom ainda está revestido de bom prestígio.

É uma figura de relevo no desporto português o major Jorge Oom com o seu nome já consagrado em provas hípcas, conquistando vitórias brilhantes quando nem sempre as nossas montadas eram de qualidade apurada.

Como dirigente, Jorge Oom tem ocupado cargos de responsabilidade rodeando-os logo após com o seu prestígio. Mas é a esgrima o seu desporto predilecto e a atestar esse interesse e entusiasmo está o facto do seu nome aparecer sempre na lista dos atiradores de quas todos os torneos que se disputam.

A sua actuação no recente Portugal-Espanha colocou-o em destaque e agora os seus

méritos apareceram nitidamente, até porque ao mesmo tempo disputar os campeonatos nacionais de espada e sabre.

O título nacional de campeão de sabre continua pois defendido por um esgrimista de grande valor.

O título de campeão nacional de espada ficou novamente de posse de Henrique da Silveira. Belíssima prova esta do novo grande esgrimista olimpico. Toda a sua classe se impôs, lutando bravamente num final de prova em que os sete esgrimistas eram todos da sala Carlos Gonçalves. Mas, se Henrique da Silveira se viu privado dos companheiros da sua sala, que ajudassem a sua vitória, o facto serviu ainda para mais o estimular e foram oito vitoriosos combates que o nosso grande esgrimista jogou, consentindo unicamente sete toques!

A par da grande categoria de esgrimista Henrique da Silveira dignificou nobremente o seu carácter de desportista. É mais um pormenor admirável que fica a ilustrar a vida desportiva de Henrique da Silveira, recheada de cometimentos invulgares.

Técnicamente todos os seus combates permitiram observar a sua boa posição actual. Expléndido, decidido, dirigindo todos os seus assaltos com aquela inteligência e super visão que Silveira põe na sua esgrima. E teve bons adversários, porque os atiradores da Sala Carlos Gonçalves não se furtaram a luta, tentando tudo pela vitória. Mas Henrique da Silveira conquistou o título que fica assim novamente na posse do nosso mais distinto esgrimista — um passado brilhantíssimo a garantir-nos que a esgrima nacional continua — pela parte que couber a Silveira — a ser honrosa e braviosamente prestigiada.

Os dois títulos de campeões estão portanto de posse de duas personalidades de real valor e de grandes merecimentos.

Também os campeonatos de esgrima da Mocidade Portuguesa se revestiram de entusiasmo. A prova de espada por equipas despertou interesse registando-se a classificação de 1.º Douro Litoral (Alberto Giesteira, Manuel Duarte e Joaquim Macêdo); 2.º Estremadura (José Figueiredo, Helder Mendonça e Jorge Melo) e 3.º Alto Alentejo (Costa Alemao, António Abrantes e José Lemos).



Henrique da Silveira



Jorge Oom



O Oriental tem nova direcção. O acto da posse dos dirigentes do nòvel clube serviu para se trocarem afirmações interessantes. A brlosa colectividade do Poço do Bispo tem já uma história no desporto nacional, e por certo a vai continuar dedicadamente



O Benfica festejou com entusiasmo o seu 43.º aniversário. Na última semana, incluído no respectivo programa, ofereceu o semandrio do clube «Sport Lisboa e Benfica» um banquete aos sócios com mais de 25 anos, e o facto serviu para se produzirem afirmações de fé no futuro da popular colectividade



Manuel Gonçalves é um estradista duro. O conhecido campeão de fundo tem levado para o Benfica muitas vitórias e campeonatos. Rapaz correcto, compreensivo e aplicado, Manuel Gonçalves tem merecido as suas vitórias

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

Há resposta para tudo...

P. 465 — Entre Guilhar, Manuel Marques e Castro — qual o melhor? (Aristides Noites — adepto do F. C. do Porto — Arouca).

R. 465 — Guilhar e Marques são de valor quase igual. Castro é um nome a seguir.

P. 466 — Se Rogério for para o Brasil, qual o melhor elemento para o substituir: Albano, do Sporting, ou Bentes, da Académica?

R. 466 — O seleccionador nacional já demonstrou que se inclina para Bentes.

P. 467 — E qual o melhor guarda-redes: Barrigana, do Porto, ou Capela, do Belenenses? (José Correia Carvalho — um sportinguista da Louriceira).

R. 467 — Não há razão para destronar o actual suplente de Azvedo.

Para a outra vez, faça apenas uma pergunta. Respondemos excepcionalmente.

P. 468 — Sendo eu sportinguista, gostava de saber qual é melhor: Vasques, do Sporting, ou Bravo, do Estoril? (A. Picado — Mira).

R. 468 — Bravo é um jogador «feito». Vasques pode fazer carreira.

P. 469 — Um cavalheiro do Funchal apostou 50\$00 em como se pode dar o seguinte em futebol: determinado grupo é castigado no último minuto do jogo com uma grande penalidade. O guarda-redes defende. Mas o árbitro termina o jogo e conta a penalidade defendida como «goal». (José Lino Coelho — Porto Santo).

R. 469 — Essa agora! Onde viu essa lei o desportista do Funchal? O senhor ganhou os 50\$00 e recomende ao seu amigo que não se meta a árbitro de futebol. Safa...

Ano V — II Série — N.º 231
Lisboa, 7 de Maio de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
Telefone, 45903 — LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMÃO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Um Congresso

Bela ideia teve o Sport Lisboa e Benfica. Ideia que por certo vai ser imitada por muitas colectividades portuguesas de projecção igual ou parecida. Um congresso presenciado por todos os sócios, amigos, Filiais e Delegações, além de servir para demonstrar suficientemente a força do desporto nacional dentro do aspecto clabista, pode agradar a quantos se esforçam pela união das massas desavindas.

O Benfica tem o segredo destas iniciativas. Se bem compreendemos o discurso do sr. brigadeiro Tamagnini Barbosa, pronunciado no último sábado, no fim de um jantar de confraternização, no Benfica há ainda «qualquer coisa que não está bem». O presidente da Direcção do popular clube lisboeta apelou para todos os benfiquistas de boa raça, lembrando que o Congresso marcado para o dia 21 de Junho poderia servir de maravilha para que todos vitoriassem o organismo, de mãos enlaçadas e serenas.

Este Congresso clabista, portanto, se outra virtude não tiver, pode corresponder bem aos anseios do sr. brigadeiro Tamagnini Barbosa, e também aos do sr. major Ribeiro dos Reis, nosso distinto camarada, que na sua qualidade de benfiquista defendeu a união dos seus consócios com decidida autoridade.

Vamos assistir à consagração do Benfica. No próximo Congresso do clube ver-se-á por certo qual o volume da sua popularidade em todo o Império português.

E ficamos desejando que outros organismos lhe sigam o exemplo. Festas de tal natureza servem o «Clube» e o «Desporto».

CONTA-GOTAS

A Direcção da Federação chamou a atenção dos organismos dependentes para o exacto e rigoroso cumprimento do que se encontra determinado quanto ao camarote da Direcção Geral dos Desportos:

«Os clubes, quando os camarotes não forem fechados, são obrigados, sob pena de graves sanções, a fazer o policiamento por forma a dar cumprimento ao que está determinado.

Só assim poderão evitar-se os casos desagradáveis sucedidos já, por diversas vezes, com Sua Ex.ª o Ministro da Educação Nacional.

A entrada para o referido camarote deverá ficar também assegurada por forma que qualquer membro do Governo não encontre as dificuldades já verificadas por mais de uma vez para ocupar o seu lugar no referido camarote».

As Associações, os clubes, nomeadamente os seus dirigentes, os delegados dos clubes aos jogos e os árbitros deverão ter presente que as sanções devidas às Entidades Ofi-

ciais serão sempre obrigatórias antes do começo do jogo, sendo preferível — para salvaguardar lapsos de cortesia injustificáveis — que esse cumprimento proloccolar se faça mesmo que essas Entidades não estejam presentes.

Essa prática evitará depois a apresentação de desculpas, a maior parte das vezes sem cabimento.

O projecto de alteração aos campeonatos oficiais actualmente disputados em Portugal, e que foi recentemente distribuído pela Federação Portuguesa de Futebol, está a ser apreciado por várias Associações. A de Lisboa já se pronunciou.

Algumas emendas vão ser propostas no dia da reunião final.

Julga-se que na próxima época alguns jogadores de nomeada abandonam o futebol. Talvez seja arrojado o pensamento. Quando os seus clubes pretendem substituí-los por novos, devem sentir estranhamente a sua falta. E por isso contarão até 3 anos de se decidirem...

NOVOS e VELHOS

Novos e velhos é tema de momento. Mas poucos, talvez, estejam na melhor posição para compreender as dificuldades próprias do debate que se esboça. O futebol português tem uma «idade» especial e não poucas vezes se chama velho a quem joga há muito tempo. Conhecemos rapazes que foram internacionais muito cedo — aos 17 e 18 anos. Pois a alguns chamaram velhos quando tinham pouco mais de 20 anos. E' preciso ver onde principia ou acaba a velhice do jogador português. E também se os decididamente novos estão aptos para uma representação nacional.

Somos pelos novos. Abertamente. Mas há novos muito velhos e... velhos muito novos. E se os compararmos todos com alguns dos melhores internacionais da Grã-Bretanha?

Vestem a camisola da Inglaterra elementos que andam pelos 40 anos...

O que é preciso é ser bom!

CORRE QUE...

No Porto turvaram-se os ares por causa de certa decisão dos directores azuis brancos. E alguns sectores, que deveriam ficar alheios a um assunto puramente clabista, discutem-no com estranha paixão. Talvez seja motivo para julgar que alguma coisa se esconde ao sócio desapaixonado do F. C. do Porto...

Cautela com as decisões impensadas!

♦♦ Ainda a bola saltita nos campos, estando longe o fecho da época, e já se preparam alguns clubs para a campanha das transacções.

Há nomes na berlinda. De Lisboa, do Porto, de Coimbra...

♦♦ Vai publicar-se um jornal desportivo. Tri-semanário. Talvez seja melhor afirmar: — vai reaparecer.

♦♦ Lippo Hertzka, que já passou pelos melhores clubes espanhóis, é agora lembrado em Vigo. O Celta procura arranjar substituto para Ricardo Zamora. Talvez seja Lippo — quem sabe...

♦♦ Eduardo Augusto, que jogou e treinou o Vitória de Setúbal, deve ingressar no Académico do Porto. O antigo extremo-direito setubalense treinava actualmente o Sporting de Espinho.

Como se fala também no regresso de Elieue e de António Marques ao clube portuense, pode julgar-se que os alvi-negros do Norte esperam brilhar na próxima época.

Stadium

A reportagem gráfica

dos encontros internacionais
de Dublin e de Bordéus
será publicada no próximo número

Chamamos a atenção dos prezados leitores da nossa Revista para o próximo número da **Stadium**. Por ser completamente impossível faz-lo esta semana, pelo menos com o realce que os dois grandes encontros merecem, reservamo-nos para apresentar aos leitores uma **reportagem gráfica sensacional** dos dois encontros das equipas de Portugal.

Além de outras notas de reportagem de Tavares da Silva, publicaremos igualmente, em separado, uma **fotografia do «team» português, vencedor da Irlanda.**

Irlanda-Portugal

(Continuação da página 3)

As linhas defensivas da Irlanda entregam-se laboriosamente ao jogo e vimos Carey, o famoso médio que alinhara contra a Grã-Bretanha pela Europa Continental, atarefado na frente de Peyroteo ou de Araújo. Ele e Farrel, como Walsh, seguros e fortes, não deram tréguas aos nossos homens.

Os irlandeses, entretanto, procuraram também atacar. Mas também encontraram em «su sítio» todos os meios defesas e defesas nacionais. Por aqui igualmente não se abateu bandeira...

O 1.º ponto português foi marcado aos 13 minutos por Jesus Correia

Quando surgiu o 1.º ponto — os portugueses esperavam-no. Estavam a trabalhar para ele com a melhor fé. Os próprios irlandeses o aceitaram como justo. Assim, Jesus Correia, recebendo a bola de Amaro, ouviu aplausos quando bateu Breen, que é o guarda-redes do Rovers.

Era preciso obter o segundo. Mas a Irlanda, com um ataque jogador, ataque onde havia elementos do Arsenal de Londres e do Everton, como Hayes e do Huddersfield, Walsh, do Manchester City, Carey, do Manchester United e Farrel, do Everton, Gorman, do Brentford, clubes da melhor categoria — mas a Irlanda, dizíamos, queria também desforrar-se do 3-1 do Estádio Nacional. Atacou por minutos, parando-lhe Azevedo, Cardoso, Feliciano e Francisco Ferreira as tentativas. Amaro e Moreira, esses, não abandonaram a frente. Repetimos: — era preciso marcar o segundo «goal».

Araújo não gosta de ficar em branco...

E assim aconteceu aos 34 minutos. O ataque português desenvolveu-se em forma. A bola gira de Moreira para Peyroteo, para Travassos, de novo para Peyroteo. Araújo toma o esférico à sua guarda, domina o adversário e remata sem perda de tempo. Marca-

va-se o último «goal» da partida.

Que se passa? Os irlandeses surpreendem-se mais um pouco. Aceleram e atacam. Até o fim da primeira parte, melhorando gradualmente. No entanto, os nossos defesas, e Azevedo, sempre vigilantes, respondem às solicitações inimigas e não deixam atingir as



MOREIRA
Valoroso médio-centro,
cuja exibição agradou
muitíssimo

redes.

Houve ainda mais um «goal» português, anulado a Peyroteo. O árbitro alegou carga irregular do avançado centro nacional. Rogério esteve igualmente perto de novo tento.

E chegámos ao intervalo com 2-0.

A defesa correspondeu ao ataque

Foi de facto melhor — atacar primeiro e defender depois. Assim se pôde fazer em Dublin. Ou, talvez: — assim ganhou, sem discussão possível, o *team* de Portugal.

Os irlandeses recomeçaram com decidida força ofensiva. E, para mais, numa decisão rigorosa, o árbitro inglês, *miss* Pearcor, assinou logo no 1.º minuto uma

ATLETISMO

Valeria a pena ter ido no domingo às Salésias só para assistir à corrida de 3000 metros, empolgante pela luta travada desde início entre os novos e os consagrados e concluída com absoluta vantagem dos primeiros numa embalagem de cem metros finais entre três juniores, do Belenenses, do Benfica e do Sporting, que foi espectáculo de mais para beleza desportiva.

A tarde esteve pouco propícia a grandes proezas: fria, ventosa, entrecortada por bátegas impertinentes. Em condições desfavoráveis, na legítima ambição de conquistarem um lugar na representação regional que se desloca dentro de 15 dias a Madrid, todos os melhores atletas lisboetas se bateram com entusiasmo, deixando alguns deles

boa impressão da sua forma actual.

Dos consagrados, saltaram apenas Matos Fernandes, Martins Vieira e António Cardoso, certamente por desinteresse, Vieira porque jogara pela manhã a final do campeonato de «rugby» e Matos, provavelmente, porque não se sente ainda em forma. No entanto, cremos que será ainda o melhor saltador em altura possível, pois o lote que compareceu era bastante fraco.

Muito mais interessante de realçar, porém, como dissemos, é a subida dos novos ao plano da vanguarda: pertenceram-lhes as melhores proezas.

Domingos Canhão, correndo de princípio e fim — nem sempre assim sucede nas provas de 400 metros — venceu em 52,8 s., a sua melhor marca, e teria também vencido os 800 metros se tivesse optado por esta prova. Está em excelente condição física e, em condições favoráveis, poderá em Espanha lutar ombro a ombro com os madrilenos Leirana e Perez. Já nos referimos aos 3000 metros, onde os juniores, Branco, Araújo e Alves da Silva desbarataram o grupo dos adversários seniores, dos quais apenas Afonso Marques, em evidente subida de forma, lhes aguentou o andamento até à recta final. O tempo registado, 9 m. 13,8 s., não é famoso, em valor absoluto.

Os cronometristas oficiais falharam a vez mais, pois o intervalo de tempo assinalado, — três décimos, — entre o primeiro e o segundo, é incompatível com a distância de um metro, que os separava.

Outra prova impressionante foi a corrida dos 100 metros na qual o favorito Paquete sofreu por duas vezes indiscutível derrota por parte dos sportinguistas Nano Morais e Mira Dorez, este um estrepente.

Paquete, que na primeira prova pretendia explicar o desaire por má partida (o juiz disparara antes de ter tempo para levantar o joelho do solo), foi na segunda mão ainda mais nitidamente batido. Está absolutamente fora de forma.

Morais, com 10,8 s. e 11,1 s.; Dorez com 11 s., creditaram-se dos melhores resultados da reunião. Se conseguirem manter a forma larga a época, aguramos-lhes larga colheita de triunfos.

Os 800 metros foram ganhos em modestíssimo tempo por João Jacinto; 2 m. 7s. já não é marca que se aceite no actual atletismo português. O mesmo se pôde dizer dos 166 s. dos 110 metros barreiros e dos 11,94 metros do lançamento do peso.

Nos saltos em altura ficou-se em 1,70 metros; é pouco, mesmo para princípio de temporada.

A superioridade de José Luís no lançamento do disco foi evidente e os seus 37,18 metros agradam; no salto em comprimento, Álvaro Dias, cuja regularidade é de anotar, alcançou 6,70 metros. O estreante belenense conseguiu 6,38 metros, o que é muito bom para a sua categoria.

Salazar Correia

grande penalidade a Feliciano. Mal se havia respirado. Gorman, o defesa do Brentford, foi marcar, apressado, mas fez subir a bola e o perigo passou.

Pensamos:

— Já se não perde este jogo! De resto, a decisão dos nossos representantes era firme. E foi, no primeiro como no segundo tempo. Os interiores, Araújo e Travassos, recuaram um pouco por ser preciso impedir todas as tentativas de aproximação dos *folhas de trevo*. Durante mais de 20 minutos a Irlanda batalhou deliberadamente, mas Portugal respondeu com bons defesas. Igualaram o ataque do 1.º tempo.

Depois, dos 20 minutos à meia hora, voltámos a dar respostas. Primeiro, na escala 3/1. A seguir, 3/2. E após os 30 minutos, vitória a sorrir, passámos da igualdade para o ataque. Os interiores integraram-se no plano da linha e os irlandeses chegaram a temer o 3.º *goal*. Claro que, a partir de certa altura do encontro, a ideia do grande resultado português estava já no espírito de todos e principalmente dos nossos rapazes...

Por isso, tentar um novo ponto, era naquela altura. Até então, foi preciso defender com outra cautela.

Finalmente, o árbitro apitou para terminar o 2.º Irlanda-Portugal. Batemos o Eire por 2-0. O resto passou-se no balneário. Os portugueses vibram como poucos, já se sabe, e estes que jogaram em Dublin tiveram as suas razões. Uma partida internacional arrasa os nervos, e nem todos os mostram temperados para aguentar com responsabilidades.

Os dois grupos

Alinharam:

Irlanda — Breen; Gorman e Hayes; W. Walsh, Carey e Farrel; dr. O'Flanagan, Cood, D. Walsh, Stevenson e Eglinton.

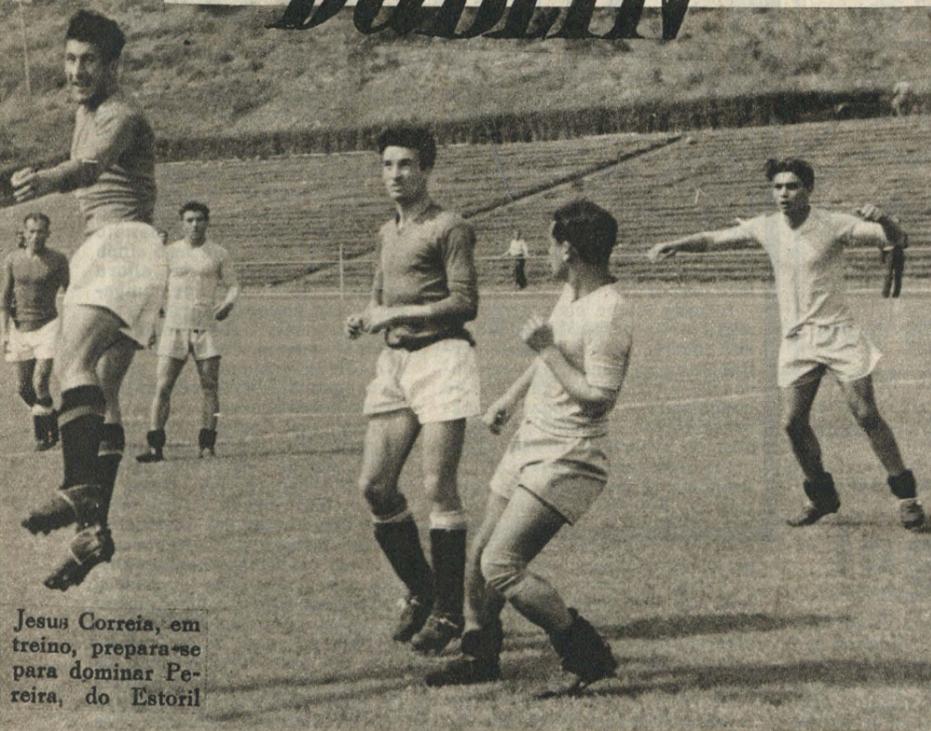
Nove destes jogadores jogam na 1.ª Liga Inglesa.

Portugal — Azevedo; Cardoso e Feliciano; Amaro, Moreira e Francisco Ferreira; Jesus Correia, Araújo, Peyroteo, Travassos e Rogério.

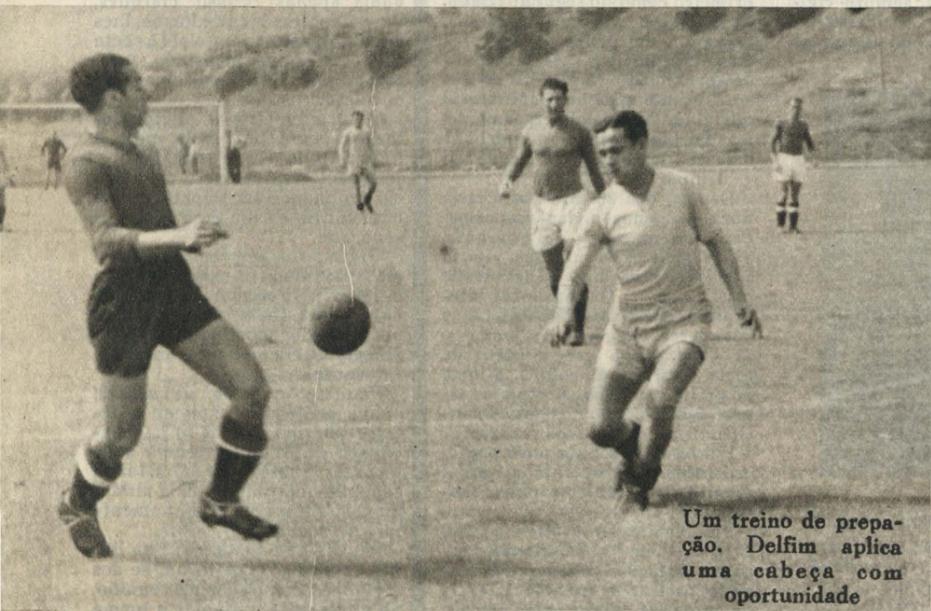
Clubes representados:

Sporting, 5 jogadores; Benfica, 3; Belenenses, 2; F. C. do Porto, 1.

ANTES DA GRANDE VITORIA DE DUBLIN



Jesus Correia, em treino, prepara-se para dominar Pereira, do Estoril



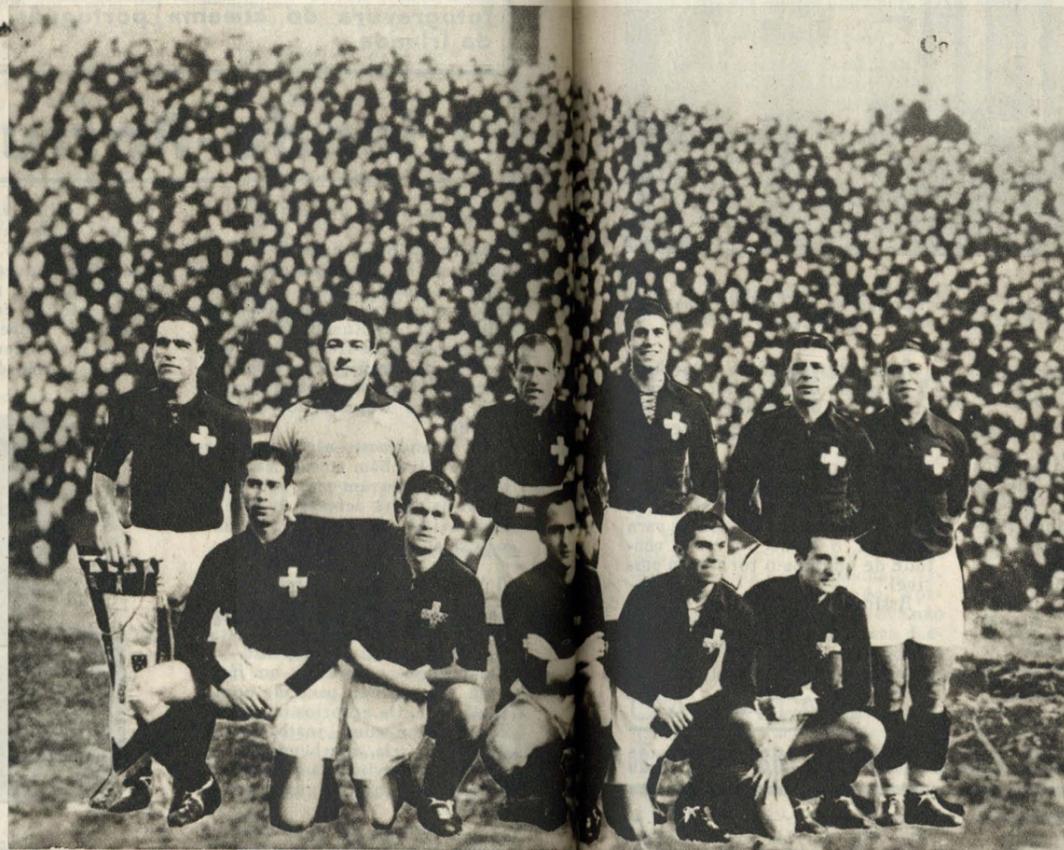
Um treino de preparação. Delfim aplica uma cabeça com oportunidade



No hotel há horas vagas... Os jogadores aproveitam-nas com uma hóspeda espanhola que aprende a escrever português. Há muitos professores à sua volta...



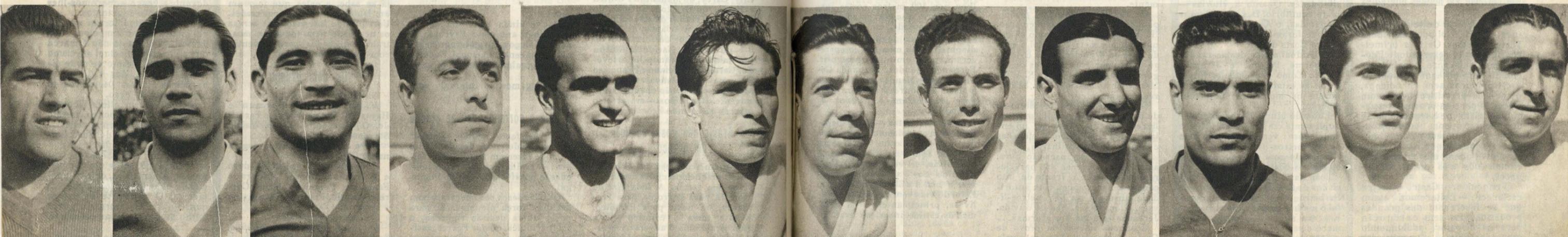
Araujo, Guilhar, Cardoso, Jesus Correia, Bentes, Moreira, Tavares da Silva, Serafim, Manuel Marques, e Amaro, fotografados na véspera da partida para Dublin



A equipa A de Portugal, que em Dublin derrotou a Irlanda, trazendo para o nosso país, a primeira vitória no campo do adversário: No primeiro plano, da esquerda: — Jesus Correia, Araujo, Peyroteo, Travassos e Rogério. No segundo: — Cardoso, Azevedo, Moreira, Feliciano e F. Ferreira



Antes da partida para a Irlanda. Algumas imagens: 1 — Manuel Marques dá uma maçagem a Azevedo, que se feriu num treino; 2 — Dirigentes e alguns jogadores, na sala de espera do Aeroporto; 3 — Feliciano e Amaro calçam-se para um treino, sob as vistas de Augusto Silva; 4 — O grupo de benfiquistas e belenenses que partiu no segundo avião; 5 — Outro grupo pronto a seguir para Dublin, constituído por jogadores do Sporting e F. C. Porto; 6 — Tavares da Silva e sua esposa, na hora da despedida. A ilustre senhora também sofre quando os jogadores seleccionados por seu marido não cumprem...



BARRIGANA (F. C. Porto) JACINTO (S. L. Benfica) M. MARQUES (S. C. Portugal) CANÁRIO (S. C. Portugal) BARROSA (S. C. Portugal) PACHECO (Académico F. C.) LOURENÇO (F. C. Porto) BRAVO (Estoril Praia) JULIO (S. L. Benfica) PATALINO (S. L. Elvas) CAIADO (Boavista F. C.) ALBANO (S. C. Portugal)

Concurso Hípico Internacional de Lisboa

O que nos disse Rodrigo de Castro Pereira presidente da Sociedade Hípica Portuguesa

A cidade de Lisboa vai festejar condignamente os seus oitocentos anos, num programa amplo e variado, no qual não faltam provas desportivas do mais alto interesse.

Segundo os trabalhos já elaborados e vindos a lume na imprensa diária, entre essas provas figuram as do XXXVI Concurso Hípico Internacional que este ano se revestirá de grande brilhantismo.

O facto do maior certame equestre nacional se encontrar integrado nas festas do 8.º Centenário da Tomada de Lisboa, levou-nos a procurar saber junto de quem de direito até que ponto seria alterado o programa do já habitual concurso lisboeta, isto é, quais seriam as modificações a introduzir-lhe e os melhoramentos que lhe estavam destinados.

Ninguém melhor do que o engenheiro Rodrigo de Castro Pereira, distinto presidente da direcção da Sociedade Hípica Portuguesa, nos poderia elucidar, visto que já certamente se havia delineado o programa e se haviam tomado determinadas medidas tendentes a dar-lhe um brilho que o distinguisse daqueles, já de resto brilhantes, que habitualmente são apresentados ao público.

Rodrigo de Castro Pereira, um desportista em plena actividade, que o país bem conhece e que há dois anos incompletos soube arrancar com brilho a mais importante prova do panorama hípico nacional — o «Grande Prémio de Lisboa» — num certame em que figuraram os mais laudáveis nomes da cavalaria portuguesa e os elementos destacados duma fortíssima equipa espanhola, e que no mesmo ano aumentou com duas esplêndidas vitórias, no Porto, a lista dos seus triunfos, recebeu-nos amavelmente, revelando-nos certos pormenores de grande interesse para quantos se interessam pelo hípismo em Portugal.

Um certame em moldes diferentes

— O Concurso deste ano — diz-nos — está dividido em duas partes distintas. Os três primeiros dias serão reservados a Provas Nacionais, para cavalos nacionais com ou sem «handicap» e estrangeiros sem «handicap», o que nos permitirá fazer uma selecção para as provas internacionais, visto que à segunda parte do concurso apenas poderão concorrer as montadas com «handicap» e aquelas que, não o tendo, se classifiquem nas provas nacionais nos três primeiros lugares.

O engenheiro Castro Pereira esclarece: — Evitaremos assim que se inscrevam nos grandes provas cavalos sem categoria para as disputar, prolongando escusadamente a duração das

competições e tirando-lhes o brilho que eles devem ter.

Depois de nos indicar que as provas nacionais terão lugar nos dias 17, 18 e 22 do corrente, como de costume no magnífico hipódromo do Jockey Clube, o nosso entrevistado prosseguiu:

— Teremos assim, segundo julgo, beneficiado o certame, cujas provas internacionais se disputarão em 24, 25, 27, 29 e 31 de Maio e 1 de Junho. Como sabe, o Concurso fez parte das Festas da Cidade e assim foram-nos facultadas todas as facilidades pelas entidades oficiais, tais como Ministérios da Guerra e das Obras Públicas, Comissão Executiva das Comemorações do 8.º Centenário da Tomada de Lisboa, Direcção Geral dos Desportos e Câmara Municipal.

De novo espanhóis e portugueses — a eterna luta!

— Quanto a equipas estrangeiras? — atalhámos.

— Apenas virá a espanhola. Ainda tentámos trazer cá uma equipa irlandesa, mas a data tardia em que a direcção da S. H. P. foi empossada já não nos permitia consegua-lo. O público terá no entanto ensejo de assistir de novo à luta entre portugueses e espanhóis, tanto do seu agrado.

O Concurso será portanto valoroso. Basta que lhe diga que os prémios pecuniários ascendem a 68.700\$00, não contando com cerca de 10 mil escudos em peças e objectos de arte. Como de costume, o sr. Embaixador de

Espanha ofereceu a Taça de Honra e o Adido Militar Espanhol uma outra, seguindo o exemplo do ano anterior.

— Espera então, sr. engenheiro, que as provas atinjam grande brilhantismo?

— Sem dúvida. Tudo se proporciona para isso. Este ano o Concurso de Maira foi primeiro do que o nosso, o que evita que cavaleiros e cavaleiros vão de choíre para um certame com as responsabilidades do de Lisboa.

— Quanto à organização das provas?

— Será idêntica à dos anos anteriores. Lá teremos os já tradicionais «Omnium», «Regularidades», «Craças», «Grande Prémio» e «Taça de Honra», desta vez com nomes adequados às Festas da Cidade. Voltaremos a assistir à «Taça de Ouro da Península» e às provas «Diana», «Tart-Club» e «Juventude».



Rodrigo de Castro Pereira no «Hopeful Don»

Estava terminada a entrevista. A direcção da Sociedade Hípica e o engenheiro Castro Pereira já nos esclarecera o suficiente.

Oxalá que o 36.º Concurso Hípico Internacional de Lisboa corresponda em tudo ao que se espera, contribuindo assim para salvar o esforço e a boa vontade de quantos o tornaram possível.

Assim o esperamos.

Antas Teixeira

NATAÇÃO

Abriu a época com o clássico festival da Federação

como é natural, o longo afastamento a que tem sido forçado — não teve, no entanto, dificuldades em triunfar nos 100 metros-costas, principiantes. É o mesmo estilista admirável. E o «tempo» de 1 m. 20,4 s. irá baixando, certamente.

Os 100 metros-bruços, principiantes, tiveram beleza e emoção. Há sempre beleza, quando se ganha sobre a meta. E tal foi o caso de José de Figueiredo, do Estoril, ao bater, por três décimos de segundo, Luís Sebastião, do S. A. D. Marcas: 1 m. 33,6 s. e 1 m. 33,9 s., respectivamente.

Guilherme Patroni creditou-se de bom resultado nos 100 metros-livres: 1 m. 5 s. Diga-se, no entanto, que correu sem pretensões e sem adversário à ilharga...

Nas provas de inscrição livre, as melhores palmas vão para Jeremias Simão. A frente de oito concorrentes, venceu com autoridade absoluta os 100 metros-livres, 1 m. 08,4 s. Não há dúvida, Jeremias está em boa «forma»...

Gostámos imenso da prova de Carlos Campanela. Não tanto pelo

«tempo» obtido — 1 m. 26,8 s. — mas pela corrida em si. Campanela exibiu-se magnificamente. E não é difícil vaticinar-lhe bom futuro, como «brucista».

Dentro da sua toada característica, Artur Mendes Silva foi o melhor nos 100 metros-costas, inscrição livre, que correu absolutamente à vontade, em 1 m. 19,8 s.

Seis provas femininas foram disputadas. As meninas compareceram, pois, em número regular. Fernanda Mendes, Fernanda Cunha, Regina Mendes, Odete Nobre e Maria de Lourdes Teixeira Mendes saborearam o prazer da vitória.

Quatro estafetas — todas disputadas com entusiasmo, como acima dizemos — fecharam o programa. E ainda aqui o equilíbrio, quanto a vitórias, se verificou. O Algués triunfou nos 3 x 33, estilos, rapazes, e nos 4 x 33 metros-livres; o Estoril-Praia venceu 3 x 33 metros-livres, principiantes, e os 3 x 33, metros-estilos, inscrição livre.

Abreu Torres

A imprensa irlandesa não esconde a sua surpresa. A Irlanda contava com a desfora do 3-1 e não se pensava muito, por cá, (ainda estamos em Dublin, nesta altura) em perder o encontro.

Mas os jornalistas prestam a sua homenagem ao valor dos portugueses. Não conheciam o nosso futebol — dizem — mas ficou assente que Portugal «não é para graças e sabe de sistemas e de táticas». O que mais surpreendeu: a nossa velocidade e a nossa energia. O nosso ataque rapidíssimo do 1.º tempo; a maneira como defendemos o 2-0 nos últimos 46 minutos...

O que nos disse Cândido de Oliveira

O nosso prezado camarada de «A Bola», que segue daqui para a Escócia, a fim de assistir ao jogo

Grã-Bretanha-Continente, marcado para o dia 10 em Glasgow, patria do futebol, como disse Mr. Rimet, também não esconde a sua alegria.

Disse: — O team português ganhou e convenceu. O engodo pela baliza, no 1.º tempo, e a segurança da defesa, no segundo, não me podem esquecer mais. Aqui se esquece, indiscutivelmente, a tarde de Colômbes.

Gostei muito de todos, mas Azevedo, Cardoso, Feliciano e Francisco Ferreira, como defesas, foram magníficos. Amaro e Moreira, bons; Araújo e Travassos es-

Opiniões sobre os jogos e os resultados

tiveram admiráveis, como interiores. Jesus Correia, muito bem. Rogério, pouco combativo, apático.

O dr. António José de Melo acha o resultado justo

O dr. António José de Melo, que acompanhou a equipa na sua qualidade de director da Federação, mostrou-se satisfeitiíssimo, afirmando:

— Os irlandeses dominaram na 2.ª parte, mas a nossa boa organização defensiva destruiu-lhes os intentos. A nossa vitória é magnífica! Os irlandeses tiveram oportunidades, nos últimos 45 minutos, mas também poderíamos ter feito 3 ou 4 pontos na 1.ª parte.

A opinião do capitão António Cardoso

— Jogámos esplendidamente durante toda a 1.ª parte, e defendemo-nos na segunda com ardor. Gostei de toda a defesa. Nos avançados, apenas me desagradou Rogério.

Alvaro Cardoso estava radiante...

O capitão do grupo português estava exausto. Fizera uma grande partida.

— E que lhe parece o meu trabalho, como seleccionador?

— Sou jornalista...

— Sinto-me tão contente! Não calcula, não calcula! Tive a honra de capitanear o team que arrancou a 1.ª vitória no campo do adversário, aqui tão longe de Portugal, onde o frio é imenso... Gostei da nossa equipa, era difícil fazer melhor.

Carey, capitão irlandês, concordou com a vitória portuguesa

Conseguimos, à noite, falar a Carey, o grande jogador do Manchester United, mas irlandês puro. Era o capitão da equipa e jogará, como se disse, pelo Continente contra a Grã-Bretanha.

— Portugal ganhou bem. Na 2.ª parte não tivemos sorte e a defesa adversária também nos não largou, espreitando todos os nossos passos.

Julgo que 2-1 estaria melhor. Mas não há dúvida de que o vosso grupo nos surpreendeu e leva uma vitória que muitas grandes equipas gostariam de conseguir no Dallymount Park.

FRANÇA, B-PORTUGAL, B

Está demonstrado que só nos faltou em Bordéus um pouco de sorte. Para ganhar? Nem tanto. Mas, pelo menos, para dar a justa medida das nossas possibilidades. Os franceses gostaram da nossa

equipa, e alguns chegaram a dizer que esta jornada de Bordéus foi superior à última do Estádio de Colômbes.

Que a equipa B da França também jogou mais que o seu grupo principal, em Paris. O team é jovem, mas não se julgue que andam todos pelos 20 anos. A França também escolheu jogadores feitos para a sua equipa B — alguns com seguro contacto com os campeonatos nacionais e encontros de selecção.

O que pensa João de Brito sobre o jogo

João de Brito, antigo jogador e antigo director do F. C. do Porto, membro do Conselho Técnico da Federação, foi o auxiliar de Tavares da Silva, seleccionador nacional.

Acompanhou a equipa a Bordéus e foi-lhe entregue a missão de a dirigir. Ouvimo-lo após o desafio:

— Eu estou satisfeito com o nosso trabalho. Com o resultado é que não. Uma bola de vantagem para os franceses estaria melhor.

«Os nossos adversários tiveram muita sorte em chegar a 4-0, mas os seleccionados lusitanos responderam com muita valentia.

O dr. Mário de Oliveira, director da F. P. F., também não está aborrecido

O sr. dr. Mário de Oliveira acompanhou a equipa, na sua qualidade de director da Federação Portuguesa. A sua opinião:

— Quando os franceses chegaram a 4-0, temi uma derrota, imerecida pela dureza. Por fim, tudo se compôs. Gostei, apesar de tudo, dos nossos jogadores.

Augusto Silva, treinador das equipas, gostou do jogo

Augusto Silva gostou do jogo. O encontro deu-nos indicações valiosas. Era o primeiro de uma equipa B portuguesa e por isso era arriscado fazer «aventuras». Afirmou:

— Podíamos ter feito melhor resultado.

Alberto Valente, jornalista português, não gostou do árbitro

Acompanhou a embaixada portuguesa, como jornalista, Alberto Valente, antigo jogador do S. C. Espinho.

Confidenciou:

— O árbitro não foi justo, embora procurasse ser imparcial. A validação dos 2.º e 4.º «goals» desmoralizou por momentos o nosso grupo. Flámon estava deslocado no último ponto da sua equipa e o 2.º foi obtido quando se discutia com o juiz de campo a entrada de Patalino. Merecíamos outro resultado mais favorável.

Basquetebol

O primeiro lugar do Campeonato Nacional ainda não está decidido

O Il Portugal-Espanha—Carnide e «Cuf» representantes de Lisboa no nacional da II Divisão

Para poder ser intensificada a preparação dos jogadores que, no próximo dia 14, disputará, em Madrid, o Il Portugal-Espanha, a direcção da Federação de Basquetebol resolveu suspender, por três semanas, a disputa do Campeonato Nacional da Primeira Divisão. Apesar desta interrupção, a prova não perde o interesse que estava despertando, visto que os jogos da última jornada — a única que falta disputar — podem ainda decidir os primeiros lugares da classificação. Esses encontros terão lugar em 24 do corrente e reunirão as valorosas equipas do Olivais e do Benfica, em Coimbra, e as do Belenenses e do Vasco da Gama, em Lisboa. O Atlético já terminou a sua actuação no Campeonato e será de esperar que, na Taça de Honra, os «alcantarenses» dêem melhor conta de si do que agora. cremos que o grupo enferma de uma grave crise moral, que é preciso delimitar, e o espaço de tempo que medeia entre este assunto e o do início do referido torneio poderá ser aproveitado para dar, de novo, ao «team», a confiança que lhe falta.

Il Portugal-Espanha

De hoje a oito dias, na capital espanhola, o basquetebol nacional é chamado a uma dura prova, de que esperamos se saia honrosamente.

A nossa equipa está sendo sujeita a um meticuloso treino, sob a competente e dedicada orientação de Dias Pereira, na parte técnica, e de Mário de Lemos, como professor de ginástica.

No fim desta semana, concentrar-se-ão em Lisboa todos os jogadores seleccionados, que, até ao dia da partida, serão ainda submetidos a uma ou duas sessões de apuramento. Depois do treino efectuado no último sábado, foram indicados os dez elementos que seguirão para Madrid. São eles: Homero Reis, Júlio Moraes, dr. Manuel Campos, do Benfica; Luis Neves e Afonso Domingues, do Belenenses; Carlos Fernandes, da C. U. F.; César Cardoso, do Sport Conimbricense, e Dias Leite, Abílio Serafim e Nogueira Cardoso, do Vasco da Gama.

A equipa sairá para Espanha na antevéspera do jogo e será acompanhada pelo seleccionador nacional e por várias entidades ligadas ao basquetebol.

Campeonato Nacional (II Divisão)

Terminou o torneio da qualificação dos clubes de Lisboa, com vista a este campeonato. O Carnide e o Desportivo da C. U. F., vencedores das respectivas séries, serão os representantes da Capital na fase final da prova.

Entre os clubes eliminados, deve destacar-se o comportamento do Lisboa Ginásio — o novo participante da Divisão de Honra — que conseguiu igualar o Carnide, em pontos, embora vencido nos dois jogos que ambos disputaram.

Um livro sobre basquetebol

Dentro de dias, deve sair do prelo um curioso trabalho sobre esta modalidade, intitulado «Basquetebol — As novas regras do jogo — Comentários e Interpretações». É seu autor o sr. José da Costa Pinheiro, secretário do Conselho Técnico da F. P. B. e antigo secretário geral deste organismo. Esta obra está sendo aguardada com grande interesse.

Monteiro Poças

DUAS CORRIDAS DE TOUROS

Do camarote que na «Maestranza» de Sevilla está quase à direita da presidência regressámos à barreira que no Campo Pequeno se segue imediatamente à «Inteligência», do lado direito também.

Diremos que os touros do sr. José Infante da Câmara que foram lidados tinham bom tamanho para a lide em Portugal e belos tipos, e casta de touros bravos, e investiriam melhor se a lide não fosse aqui tão arbitrária. O 1.º serviu para Simão da Veiga dar alternativa a Artur Pedro da Costa que cravou farpas e curtos e ouviu aplausos.

Por último — não querendo deixar sem leve comentário a corrida, e da qual por isso mesmo só em síntese nos referimos — diremos que dos três «matadores» Rovira, que era a primeira vez que toureava a Lisboa, deixou adivinhar a valentia que há um ano surpreendeu os espanhóis, sobretudo matando, o que aqui se não faz.

«Moreno de Talavera» teve uma grande tarde. Vizeu fez boa figura ao lado dos dois, sobretudo, bandarilhando como gente grande.

8.º O português toureia bem à Verónica e por Gaoneras, e bandarilha bem. Com a «muleta» volta a não parar. E é pena, que habilidade não lhe falta.

ROGÉRIO PEREZ

Diamantino em Alicante

ALICANTE, 4 — Com chuva e vento, realizou-se no meio de grande expectativa, pelos touros de Varégua que tinham muito peso, a corrida anunciada para hoje. Alternaram Pepin Martin Vasquez, Rovira e Diamantino Vizeu.

Os touros saíram gordos, brancos e difíceis, tendo Pepin sido colhido no seu primeiro, felizmente sem gravidade. Rovira, teve por esse facto de matar três touros, cortando orelhas.

Vizeu bandarilhou bem o seu primeiro, em que após uma faena breve rematou de uma estocada; ovação. No segundo, que não bandarilhou, fez faena de alinhó, que terminou com uma estocada e mais meia. Foi ovacionado. — EFE.



Um belo desenho de Maria Helena Leite, a melhor das desenhadoras de apontamentos tautomáticos, rival de Duarte de Almeida e de Domingos Saraiva, de Ricardo Marin e de Roberto Domingo, de Martinez de Leon e de Ruano Llopi, de Casero e de todos os que em Portugal e em Espanha se têm dedicado à difícil especialidade de usar do lápis como de máquina fotográfica de instantâneos, em pleno movimento do touro e toureiro

A do último domingo no Campo Pequeno

A corrida do último domingo levou escassa concorrência ao Campo Pequeno e teve pouco interesse além do proporcionado pelo cavaleiro Simão da Veiga.

O 1.º, um touro negro, gordo e bonito, de Marques Pedrosa como todos, um cavaleiro inteligente, animoso e alegre, e um bom cavalo, de Grave. Boas farpas e curtos brilhantes, mas laboriosos, que o touro arrancava-se bem mas tapava-se. Poder teve bastante para derrotar duas vezes os forçados. Chamada ao cavaleiro, e volta à arena.

2.º como o anterior, mais fino de tipo, mas começou a chover e Fernando Salgueiro meteu água. Cravou 2 farpas e um curto, ouvindo aplausos tibios. O touro foi pegado de cernelha. Chamada.

3.º O mexicano Pepe Luis aperta-se em Verónicas e Gaoneras, mas o touro sofreu um choque que o inutilizou, e teve de ser recolhido.

4.º Manuel dos Santos não se estreita com a capa, e não é feliz na colocação de dots pares, equilibrados com um no alto. Ante a «muleta» não pára nem se deixa parar o toureiro que somou apenas 3 naturais e 1 de peito.

5.º Simão da Veiga, no seu novo «Bombita» deixa o touro pentear-lhe a cauda, «galgando» e usando do cavalo como se fôra «muleta», com perfeita noção da medida de velocidade do touro e ajustando-se em boas farpas e admiráveis curtos. Pepe Luis tenta usar da «muleta», mas a ovação soa para o cavaleiro que é chamado.

6.º Fernando Salgueiro infeliz mas animado, crava várias farpas e curtos. O touro é pegado e há palmas.

7.º O mexicano crava três pares, mas com a «muleta», o touro meteu-se e dificulta o êxito. Palmas.

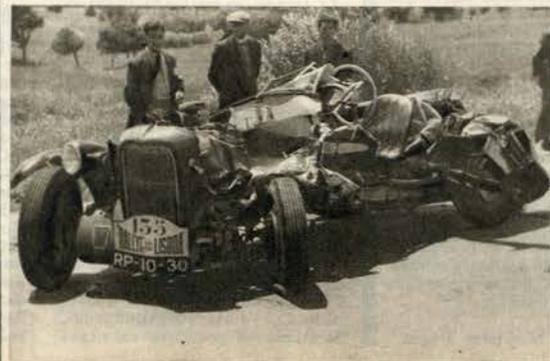
O "RALLYE" internacional do A.C.P.



Os concorrentes que partiram de Lisboa



Dois concorrentes chegam ao controle de Lisboa



O estado em que ficou o carro do sr. Augusto Madureira



Directores do A. C. P. no controle da Praça do Império

A TAÇA "STADIUM"

foi ganha pelo Desportivo do Carmo



Concluiu-se a disputa do torneio de teni de mesa para o qual foi instituida a taça «Stadium».

Doze equipas alinharam nesta prova que decorreu sempre plena de animação e se valorizou pelo entusiasmo que os juniores sempre puseram nos jogos que entre si disputaram.

Benfica, Sporting, cada um com duas equipas, Belenenses, Internacional, Glória, Pena, Desportivo do Carmo, Campo de Ourique, Alfama e Adicenses foram os dignos concorrentes a esta prova organizada pela Associação de Teni de Mesa. O jogo final disputou-se na mesa do Arrollos entre o Benfica e o Desportivo do Carmo. Interesse absoluto, jogo com características de grande final, com uma assistência ruidosa e entusiástica e com os jogadores actuando com plena consciência do valor do último jogo. Triunfou o Clube Desportivo do Carmo, que foi no decorrer de todo o torneio a equipa mais regulada e que acusou sempre a vantagem de um melhor conjunto. Tanto assim que o

outro finalista, o Benfica, não pôde resistir à superioridade do adversário. Assim a vitória foi justamente premiar a melhor equipa que disputou o torneio, e a taça «Stadium» ficou assim na posse de um clube bairsta, deseioso de progredir no desporto. E' um clube simpático, este Desportivo do Carmo, onde impera em primeiro plano a juventude da maioria dos seus representantes e associados, muito bem acompanhados pela dedicação dos directores da colectividade a que preside o sr. engenheiro José Bernardes e com os srs. Francisco Portela, Alvaro Diniz, Marcelino Ferreira, Francisco Cabral, Mário Travassos e Nicolau André, não aquecendo a amizade e o interesse constante que ao clube dedica o sr. Rafael Castanheira.

A taça «Stadium» que a equipa formada por Henrique Silva, Helder Castro e António Trindade conquistou, será mais um incentivo para o progresso do Desportivo do Carmo — assim o garantiram os seus dirigentes, e nós registamos com agrado.

C. U. F., 2 — ATLÉTICO, 1



CUF-ATLÉTICO — Um ataque alcantarenses, defendido por Armindo

ESTORIL PRAIA, 4 — ORIENTAL, 1



ESTORIL-ORIENTAL — Vieira prepara-se para um remate, perturbado por um defesa adversário



Eduardo Lopes e Império dos Santos disputaram com energia os 166 quilómetros. O primeiro alcançou uma boa vitória. Império dos Santos, no entanto, conquistou o título de campeão regional de fundo



No domingo jogava-se em Dublin. Por cá — simples encontros. No entanto, nas esplanadas, ouvem-se os relatos com certo interesse. E quando a vitória de Portugal appareceu — beberam-se mais cervejas!



As últimas provas de natação, na piscina do Algés e Dafundo. Eis um dos grupos concorrentes, onde se vêem gentis senhoras



ATLETISMO



Nas Salésias efectuou-se um torneio para apuramento da equipa lisboeta que vai a Madrid disputar um encontro com as seleções da capital espanhola e de Barcelona. Publicamos dois aspectos das provas. Em cima, um aspecto da corrida dos 3 mil metros, ganha por Joaquim Branco. Em baixo, a chegada dos 100 metros em que Nuno Morais triunfou

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

ATLETISMO

FUTEBOL

EM INGLATERRA

O desafio final para a conquista da Taça realizou-se no Estádio de Wembley, entre o clube londrino Charlton e o Burnley. Assistiram cerca de 99.000 espectadores.

Não foi um grande match, mas uma luta porfiada e encarnçada entre os trios defensivos, com vantagem para o do Charlton.

Se bem que as oportunidades da linha dianteira do Burnley tenham sido mais numerosas, os avançados londrinos mostraram-se mais perigosos.

A derrota do Burnley deve-se à inferiorização de Morris e Harrison — interior direito e centro — cujos nervos e falta de experiência reduziram a sua eficácia.

Potts, a interior esquerdo, fez um bom trabalho e atirou uma bola sobre a trave que teria sido o primeiro tento da partida.

Duffy, marcador do formidável goal da vitória, foi um elemento precioso a jogar na ponta esquerda. Robinson, ao centro, também mostrou eficácia no clube vencedor.

Ao fim e ao cabo não ganhou o melhor, mas aquele que melhor jogou. A derrota do Burnley por 1-0, alcançado no termo do prolongamento, teve um pequeno quinhão de infelicidade.

O campeonato divisionário da Liga prosseguiu no sábado e registaram-se vitórias do Arsenal sobre Grimsby Town (5-3); Liverpool-Aston Villa (2-1); Stoke-Blackburn (2-0); Wolves-Chelsea (6-4); Manchester United-Portsmouth (1-0); Sunderland-Bolton (3-1); Everton-Preston N. E. (2-0) e um empate entre o Middles e o Brentford (0-0).

A posição do Wolves à cabeça continua firme.

NA ARGENTINA

O campeonato entrou na terceira jornada, registando-se uma vitória do Boca Juniors sobre o River Plate, por 1-0.

O San Lorenzo bateu o Banfield por 6 bolas a 1, distinguindo-se Pontóni, que à sua parte enfiou três tentos.

A posição actual dos clubes principais é a seguinte: Independientes (3 jogos e 3 vitórias); Estudiantes (3 jogos e 3 vitórias); River Plate (3 jogos e 2 vitórias); San Lorenzo (3 jogos e 2 vitórias).

NO PERU

Realizou-se um desafio internacional entre as equipas representativas do Peru e da Republica de San Salvador, ganhando o primeiro país por 2-1.

O único goal do grupo de San Salvador foi obtido na segunda metade do desafio, transformando uma grande penalidade.

NOTA DA SEMANA

O acontecimento desportivo de maior fama internacional, ocorrido durante a semana, foi, sem qualquer dúvida, o jogo entre o Charlton Athletic, de Londres, e o clube provinciano Burnley, para a conquista da Taça.

O número de pessoas que desejavam presenciar o desafio atingiu, como é de supor, uma cifra considerável. Em redor do edifício do Estádio concentraram-se alguns milhares de criaturas à cata de bilhetes, mesmo que os tivessem de adquirir com ágio, só para não perderem a qualidade de espectadores.

Todavia, se o povo inglês não fosse tolerante e ordeiro como é por índole, a quantidade de cabeças rachadas e narizes quebrados teria sido descomunal. Nunca os traficantes do mercado negro se portaram com tal egotismo como desta vez, pedindo 3 libras por um bilhete de quinze escudos, que é lugar de peão!

O único caso conhecido de um especulador a quem a multidão castigou, e ia transformando em pomada, foi suspenso pela policia muito a tempo.

O processo empregado pelos contrabandistas desportivos foi o seguinte: adquirir bilhetes a várias pessoas, trocando-os por senhas de racionamento alimentar, de vestuário, etc., oferecendo-os em seguida a terceiros com elevado lucro, vinte vezes maior, nalguns casos.

A Federação Inglesa tomou medidas seguras para evitar futuras especulações (segundo diz...), mas não aparece nenhuma capaz de resolver o problema convenientemente. Sempre que o número de pretendentes for maior que o número de lugares, é inevitável a especulação. Pelo menos, em escala decente...

R. B.



O corredor que se vê cortar a meta, à esquerda, é o coreano Yun Bok Suh, vencedor da 51.ª maratona anual promovida pela Associação Atlética de Boston. O tempo registado — 2 horas 25 minutos e 39 segundos — bate o recorde da prova, que tem 26 milhas e 385 jardas de extensão. Cerca de 250 mil pessoas acompanharam a corrida ao longo do percurso. Bok Suh veio de avião, proposadamente, desde a China até Boston à custa das tropas americanas de ocupação. Na fotografia à direita, vê-se a coroação do corredor coreano

LUTA

Campeonato da Europa

Com a vitória da Suécia, seguida pela Rússia, terminou o campeonato europeu de greco-romana, individual e por equipas. O torneio teve lugar na

cidade de Praga (Checoslováquia) e produziu cento e cinquenta combates entre todos os concorrentes.

Os lutadores mais notáveis foram Jashar Dogu (sueco) e Johan Kotkas (russo).

Um novo «ás»

Surgiu na Califórnia um novo Paddock, segundo relatam os jornais de Nova York. Chama-se Mel Patton e entre outras proezas conseguiu correr as 100 jardas em 9,5 segundos e as 220 em 20,4, isto é: mais um décimo, apenas, que o recorde mundial de Jess Owens.

Em Génova

Durante o Torneio Becalli, o lançador italiano Tosi, rival de Consolini, atirou o disco a 49,93 metros, e o corredor Nocco percorreu a légua em 14 m. 56 s. e 8 décimos.

O Campeonato Sul-Americano

Está decorrendo o torneio de atletismo entre os principais países da América do Sul. A Argentina leva um nítido avanço em pontos no fim do segundo dia, totalizando 50 contra 24 do Brasil e do Chile.

O melhor resultado até agora conseguido foi o de Triuzzi (Arg.), nos 110 metros-barreiras, com 14,7 segundos. Bonhof (Arg.) ganhou os 100 metros em 11 seg.; Ehlers (Chile) os 400 metros em 49 seg.; Jadressio (Chil.) o salto em altura com 1,91 metro; Moura (Brasil) o comprimento com 7,10 metros; Machiodi (Arg.) o peso com 14,30 e a equipa argentina os 4 x 400 (estafetas) em 3 m. 19 s.

BASQUETEBOL

O Campeonato da Europa

Em Praga, capital da Checoslováquia, realiza-se presentemente um torneio internacional de basquetebol denominado «Campeonato da Europa».

Concorreram 14 países continentais, que foram distribuídos por quatro grupos, e ao fim de três jornadas a classificação era a seguinte:

Grupo A: 1.º Checoslováquia, 2.º Polónia, 3.º Roménia, 4.º Holanda.

Grupo B: 1.º Egipto, 2.º Bélgica, 3.º Itália, 4.º Albânia.

Grupo C: 1.º França, 2.º Bulgária, 3.º Áustria.

Grupo D: 1.º URSS, 2.º Hungria, 3.º Suésvia.

Os dois primeiros classificados de cada agrupamento foram escolhidos para disputar a final, organizando-se dois novos grupos: Grupo E: Checoslováquia, França, Bélgica e Hungria.

Grupo F: Egipto, URSS, Polónia e Bulgária.

No primeiro agrupamento parece sair vencedor a Checoslováquia e no segundo a URSS, e a final deverá disputar-se entre ambos.

Alguns resultados do torneio foram astronómicos, como, por exemplo, as vitórias da Bélgica e do Egipto sobre a Albânia por 114 a 11 e 104 a 19, respectivamente.

CICLISMO

Império dos Santos, do Benfica, campeão de independentes

Eduardo Lopes venceu a última prova do campeonato

Estão terminados os campeonatos regionais organizados pela Associação de Ciclismo do Sul.

Aparados anteriormente os campeonatos de seniores (Maximino Rola, do Lisgás) e de juniores (Dante Patrício, do Campo de Ourique), ficaram decididos no domingo passado os outros títulos.

Império dos Santos, do Benfica, é o novo campeão de independentes. Outro benfiquista, Armando Gonçalves ganhou o campeonato de iniciados. Coabe no sportingista Isidro Rodrigues o título de veteranos.

Os dois últimos ganharam as suas provas; Gonçalves totalizando o máximo possível de pontos: 45; Rodrigues somando 44.

Império dos Santos foi menos feliz e teve de contentar-se com um segundo lugar, com o total de 41 pontos em 45. O novo campeão mostrou, porém, nesta e nas provas anteriores que está à altura do título que conquistou. Foi pena, no entanto, que os seus mais directos adversários, João Lourenço e Castódio dos Reis, ambos do Sporting, não pudessem defender a posição, que tinham à partida, de primeiros, com 28 pontos (Império em 3.º com 27).

A nota dominante da corrida de 166 quilómetros foi a infelicidade, reconhecida desportivamente pelos próprios benfiquistas, que acompanhava a equipa do Sporting, contribuindo, paradoxalmente, para o êxito técnico da competição. Efectivamente, de cada vez que um sportingista era vítima de qualquer percalço, imediatamente os cinco «encarnados» atacavam a fundo, procurando distanciar-se. Foi assim que, após o incidente sucedido a Castódio dos Reis em Sacavém, a equipa do Benfica acelerou a marcha de tal forma que no cabo da 1.ª hora a média era de 39 300, verificada para além do Carregado. Castódio dos Reis estivera a prestar e alcançar o pelotão, depois de ter perseguido bem. Quando estava perto, foi João Lourenço vítima de um percalço.

Com eles seguíam apenas dois sportingistas: Manuel Rocha, admirável de tenacidade, e Eduardo Lopes, já mais em forma, defendendo-se bem a poupar energias para uma possível chegada em pelotão.

Sete homens se apresentaram a disputar os primeiros lugares. E do lote triunfou o mais rápido, Eduardo Lopes, numa embalagem irresistível, a que só Império dos Santos respondeu. A fechar o pelotão entrou o pequeno Rocha. Entre os dois sportingistas ficavam os cinco do Benfica, por esta ordem: Império, Martins, Rebelo, Moreira e Guilherme Jacinto.

Eduardo Lopes ganhou a prova

Stadium

na Capital do Norte

MOSAICOS nortenhos...

O CASO não é com esta secção. Mas, francamente, interessa ao desporto e até ao bom jornalismo, que muito prezamos. Lemos que determinado atleta ameaçava abandonar a prática da modalidade onde é á s se... não foi convidado para determinado posto na selecção nacional de futebol.

Por amor de Deus! Então as questões de ordem técnica já podem ser apreciadas e discutidas pelos próprios praticantes? E será de bom jornalismo dar guelra aos destemperos ou amuos de qualquer pessoa?

Dá vontade de afirmar: — se não deseja jogar — não jogue. Se é rico — como de noite e de dia! Mas deixe a quem de direito o critério de seleccioner. O julgamento pertence a outras pessoas e não a quem deve subordinação.

Al Oscar de Carvalho! Muito nos lembramos deste nome, eterno suplente sem pestonejar! O dr. Oscar, grande jogador, abandonou a bola sem vestir como efectivo a camisola nacional, mas cumpriu sempre com as suas obrigações. Disciplina e desportivismo acima de tudo. Que assim se impõe um atleta, à crítica e aos adeptos.

♦ FERNANDO MOREIRA, que prestou serviço militar em Leiria, já passou para o Porto, regimento de Infanteria 6. Sabemos que o campeão nacional de ciclismo prin-

pela terceira vez consecutiva, facto que é curioso assinalar. Fez a prova que as circunstâncias aconselhavam — defendeu-se, para jogar a sua cartada no momento oportuno. Mas o poder fazê-lo depõe bem acerca da sua forma, que tem vindo a melhorar gradativamente. O seu tempo é o segundo melhor da prova, a 5 m. 7 s. do recorde (Raposo, 5 h. 4 m., 8 s., em 1942) e melhor de 2 m. 56 s. que o antigo segundo melhor (Rebelo, 5 h. 12 m. 11 s., em 1944).

♦ Na corrida de iniciados o triunfo coabe a Armando Gonçalves, que cobria os 50 quilómetros em 1 h. 27 m. 57 s. Henrique Vera, outro sério candidato ao título, foi 3.º em 1 h. 28 m. 37 s.

Em veteranos, Isidro Rodrigues, na mesma divisão, venceu em 1 h. 36 m. 11 s.

♦ No próximo domingo disputam-se os campeonatos nacionais de juniores e seniores.

Manuel Mota

Um mar de discussões! Uma série permanente de más vontades pessoais, vertidas em todos os tons, correm actualmente por alguns jornais da terra. Atingem-se gerências e homens que não tiveram a sorte de ser bem apreciados, e procura-se estabelecer uma corrente de opinião desfavorável a um esforço que se guiou pelo desejo de bem cumprir.

Como sempre, não podemos concordar com a forma activa como se faz a intromissão dos jornais na vida interna das colectividades. Que de forma activa não tem nada. Consideramo-la demolidora. A Imprensa cabe o papel de apreciar os casos de ordem desportiva, o comportamento dos clubes e dos atletas no campo da luta. Se o jornal ou jornalista pretensão estabelecer doutrina, não lhe faltam meios e possibilidades para o fazer com honra e proveito.

A Imprensa vive para ajudar a expansão do desporto e dos departamentos que o cultivam, nada tendo com as questões internas. Se o faz, coloca-se num plano que pode ser parente do atentamento.

A vida dos clubes, a vida íntima dos clubes, queremos dizer, só deve ser discutida pelos sócios e no lugar próprio. O jornalismo não, o jornalismo que procure construir, não tem liberdade para entrar em lugares que lhe não pertencem. Além de tudo colocam-se os censores em posição que lhe pode ser amarga, que deveria ser amarga se o julgamento de tais casos constituísse obrigação presente.

ciplou a treinar, mas acreditamos na sua irregular preparação. Os deveres militares são duros, como se sabe, e por isso Fernando Moreira não poderá cumprir esta época como pretende. E' preciso ter paciência...

♦ VARIOS jornais, de vez em quando, dizem que determinado clube do Porto está tratando de assegurar a colaboração de um ou mais jogadores de Lisboa — etc., etc. Nós sabemos como isso é: — ao fim do ano, tudo fica lá pela capital. Mas o mais engraçado da questão reside nisto: — nenhum jornal do Porto, ou nenhum informador, pelo menos, diz que há jogadores de cá comprometidos com Lisboa. E' o dizes. Denunciar qualquer tentativa de recrutamento, sabem eles. Mas apontar propósitos de saída do Norte para o Sul — isso virgula. Santos rapazes!

♦ EM GUIMARÃES, dizem os jornais, Teixeira magoou fortemente Barrigana. Não é, não pode ser, uma questão Guimarães-Porto. A despeito do que poderá julgar-se, os vimarenenses não são inimigos do F. C. do Porto, e nem por certo estes odiam os vimarenenses. Possivelmente, haverá uma questãozinha Teixeira-Barrigana. O que também é lamentável, evidentemente. Mas, contra isto...

♦ VAI o Estádio do Lima ser beneficiado com obras de alta categoria. Pois muito bem; estão de parabéns os associados e dirigentes do Académico, e também a cidade. Que não se perca, ao menos, o nosso melhor campo de jogos.

E lá fomos falar novamente do projectado Estádio do F. C. do Porto! Que culpa temos nós, afinal, do meio nos pedir, em todas as conversas, um campo para o F. C. do Porto!

ATLETISMO

O Porto

e o Portugal-Espanha

Parece estar bem encaminhada a realização no Porto do encontro de atletismo entre Portugal e a Espanha. A própria Imprensa lisboeta vê o assunto com simpatia, tendo-se pronunciado já a favor do Estádio do Lima algumas figuras conhecidas na propaganda da modalidade.

Assim, por certo não ficará a capital do Norte sem ver o grande encontro entre os melhores atletas peninsulares. A Federação Portuguesa de Atletismo, que ainda se não pronunciou overtamente, vai com certeza ponderar o caso, a pretensão da Associação do Porto, de todos os desportistas do Norte. Em questões de receita, não se costuma ficar mal no Porto. Talvez as despesas sejam um pouco maiores, dado o número de atletas deslocados da capital para o Norte, mas não temos dúvidas sobre a boa contribuição do público, que admira as pugnas internacionais e o atletismo.

De resto, com um pouco de esforço, de boa vontade, não seria difícil conseguir algum auxilio por parte das entidades oficiais. Seja como for, o Porto é digno dessa distinção. Tem-se esforçado sempre pela expansão do desporto, e já há muito tempo que se lhe não corresponde com a oferta de um encontro «internacional». Veremos se tal acontece, desta vez.

O Estádio do Lima, pelo menos, está a preparar-se para ter esse honre...



Manuel dos Anjos, o popular «Pocas» do F. C. Porto, vai sair da Capital do Norte para Chaves, sua terra. Mas não abandona o futebol, que o simpático transmontano pratica ainda com segurança.

O seu clube — o clube da sua vida — não o quis deixar partir sem lhe prestar sincera e justa homenagem. Essa festa realizou-se no último domingo, no Estádio do Lima, e pena foi que o mau tempo a prejudicasse.

Manuel dos Anjos viu que ainda era profundamente admirado, apesar de tudo. Pinga, Gomes da Costa e Correia Dias quiseram estar presentes e só por isso o jogo contra o F. Malicção tinha atractivos.

Nesta reportagem que dedicamos ao popular Anjos podemos ver: — à esquerda, dirigentes do F. C. Porto despedindo-se e oferecendo-lhe uma salva de prata; em baixo, a seguir, Pinga abraça o seu antigo camarada; ao lado, os grupos e dirigentes.



Homenagem a MANUEL dos Anjos



O 1.º de Maio F. C. Sarilhense, de Sarilhos Pequeros, tem-se imposto na sua região como boa equipa de futebol. Comemorou há dias o seu aniversário



O S. L. BENFICA
é CAMPEÃO de LISBOA de "RUGBY"



O S. L. Benfica ganhou novamente o campeonato regional de «rugby». O quinze do Campo Grande ganhou o campeonato com inteira justiça. Publicamos neste número a sua equipa, e ao lado uma fase do seu jogo contra o Sporting